

# Acontecimentos na televisão: rituais da pós-modernidade

Fabiana Piccinin\*

## Índice

1 TV e telejornalismo: os rituais pós-modernos	3
2 Os espetáculos	5
3 Referências bibliográficas	9

*“O Brasil não tem povo, tem público”.*  
Lima Barreto

Apesar dos conceitos serem, por vezes, insuficientes para explicar todos os fenômenos manifestados na contemporaneidade atual - caracterizada pela fragmentação, heterogeneidade e pela complexidade - a busca por tentar compreender o que se passa e as implicações desse diagnóstico, a partir e/ou com a comunicação, torna-se indispensável para tentar entender uma sociedade que se articula, vive e atualiza suas práticas culturais sob essas influências.

Assim, pode-se falar, a fim de operacionalizar as proposições apresentadas, num tempo nomeado, por vezes, por pós-modernidade (Maffesoli:1997), ou modernidade tardia (Giddens:1997), ou ainda modernidade líquida (Baumann:1999), sempre

querendo referir-se ao tempo presente, em que algo aconteceu e abalou as sólidas certezas da modernidade, sua doutrinária razão instrumental e seus valores uniformizadores.

Essa idéia é um importante começo sobre o qual deve estar baseada qualquer análise, minimamente precisa, da atualidade. O que tem se apresentado como posterior à modernidade é, sobretudo, a negação das crenças absolutas, antes tão livres de dúvidas e firmadas sobre regras claras que deveriam ser cumpridas por conta de um devir recompensador, e agora repletas de relativismos. Portanto, esse novo tempo é o momento da aceitação do não-racional, através de uma ótica relativista de desconstrução dos conceitos absolutos de verdade, que se tornaram insuficientes para explicar muitos dos fenômenos presenciados.

Por outras palavras, é dizer que diante de uma razão que não explica tudo, é mais coerente e menos ilusório assumir um pensamento baseado na filosofia da suspeita. A partir disso, uma nova idéia torna-se importante; a de que, sem a promessa de um grande discurso insuficiente e que, tampouco garante um futuro grandioso, a vida passa a ser feita de aqui e agora e não mais de grandes promessas.

---

\*Doutoranda do PPGCOM – PUC.- Programa de Pós Graduação em Comunicação Social. Professora Coordenadora do Curso de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz (UNISC).

Na verdade, conforme Maffesolli (1997) vive-se o “presenteísmo”, enfatizado na valorização mais dos instintos, das referências místicas e do imaginário do que da razão. Ou seja, o cotidiano vale mais pelas pequenas utopias do que pelas metanarrativas desconstruídas.

A prova disso, segundo o autor, são todas as ocasiões em que o misticismo e a crença ou explicação, através do não uso da razão, promovem situações de vibração comum e de empatia, que se convertem em momentos muito importantes para essa sociedade “tribalizada”, segundo Maffesolli (1995). Há tribos, ainda que continuamente efêmeras, para esses momentos ritualísticos do “lembrar em comum” e que tornam a idéia de estar com os seus, a lógica da tribalização. Essa é uma das evidências mais fortes de que o racionalismo perde o sentido e permite dizer, sobretudo, que a pós-modernidade é feita, também, desta simbiose dos valores atuais com os rituais das sociedades primitivas:

O rito rememora tudo isso. Depois de uma forte pressão racionalista, que durou toda a modernidade, ele mostra o papel desempenhado pela paixão comum no fato social. (...) o rito é essencialmente tribal, constitui o próprio fundamento da memória coletiva e serve de cimento às representações comuns, lembrando, em data fixa, a eficácia renovada destas. A vida cotidiana encarrega-se do restante que, através dos hábitos, costumes, gestos, conhecimentos incorporados e, claro da educação institucionalizada, instila o útil à coerência social. (Maffesolli: 1997: 156)

Nesse resgate do primitivo associado aos valores da contemporaneidade atual, através das “tribos” e seus “ritos”, a comunicação adquire lugar de centralidade nas relações atuais porque se apresenta como atualização arquetípica do “totem pós-moderno”. Ou seja, a comunicação é o espaço de contemplação coletiva (Debord:1997), e lugar dessas manifestações de mobilização coletiva, e tornando-se, por isso, uma das dimensões importantes de ritualização.

As novas tecnologias midiáticas são poderosos catalisadores das manifestações e sensações mais viscerais, vinculadoras e imediatas do ser humano, de maneira que as mídias vão jogar como agentes decisivos nesse novo tempo, proporcionando a articulação tão necessária quanto vital para esse modelo de sociabilidade instalado.

Assim, ainda que a vida aconteça fora dos meios de comunicação, é preciso dizer que são eles os potencializadores e viabilizadores das relações, especialmente interpessoais desses momentos de aglutinação “tribal”.

Maffesolli (1997) diz que as mídias têm papel chave porque reinvestem no que ele chama de “pulsão gregária” dos indivíduos que os movem na busca pelo espaço comunitário para vencer a racionalização da modernidade. Dessa forma, há como que a revitalização de um sentimento que sempre esteve presente nas sociedades tradicionais e que agora, na pós-modernidade, é reafirmado através dos meios de comunicação.

E isso pode ser explicado pela saturação dos valores da modernidade que tende a dar lugar a valores alternativos e faz ressurgir, portanto, o ideal comunitário articulado especialmente pelo imaginário e pelo simbólico, e por isso, facilmente viabilizado pela mídia. A falência do modelo de racionalidade

proposto pela modernidade abre espaço para o retorno da imagem, do contágio emocional, de maneira que o recurso buscado nesses múltiplos simbolismos serve de matriz à socialidade nascente, enfim ao estilo de um sentimento coletivo. Atuando privilegiadamente no cotidiano, as mídias editam o mundo, agendam temas. Por essa característica, a comunicação entra no processo permanente de produção de significado, portanto de construção da realidade, em todas as suas manifestações, quer sejam culturais, econômicas ou políticas.

## 1 TV e telejornalismo: os rituais pós-modernos

Assim, se as mídias são um espaço importante de ritualização no contexto atual, é certo dizer que, de todas elas, a televisão, especialmente, conquista lugar de excelência na sociedade atual, tanto por conta de seu consumo<sup>1</sup>, tanto quanto pelo fato de ter na imagem a essência de sua linguagem. Essas características tornam os eventos mediados por ela, situação de evidente expressão de ritualização, muito presentes na sociedade atual e sobre as quais as tribos se referenciam no seu cotidiano.

Por essa razão, a imagem e seu poder de mobilização vai ser o fundamento do que Debord (1997) nomeia como sociedade do espetáculo. E justifica a importância da imagem na sociedade pós-modernidade por ser a sociedade manifestada pela representação no lugar da ação. É justamente a dominância

<sup>1</sup>A Tv é o mais popular dos meios por não prescindir do conhecimento do código lingüístico e pelo aparelho ser de fácil acesso, além do poder sedutor da imagem, torna-se, disparadamente líder em relação aos outros meios de comunicação.

da imagem na sociedade do ver e do ilusório que produz o espetáculo e que faz as pessoas deixarem de viver o vivido para viver a sua representação. O autor pontua muito bem isso ao dizer que *o espetáculo não é um conjunto de imagens, e sim uma relação mediada por imagens* (1997).

No caso da televisão, as novas tecnologias promovem um “transporte” imaginário garantido através da imagem, associada aos infinitos recursos que disponibilizam o “aqui e agora” e de qualquer parte do mundo aos indivíduos. Dotadas de alta qualidade tecnológica que confere sobretudo verossimilhança e credibilidade indiscutíveis, a ponto da imagem do evento torna-se tão ou mais “real” que o próprio fato, na Tv acaba sendo impossível evidenciar a diferença entre o olhar eletrônico e humano. Ou seja, os meios de comunicação não produzem o acontecimento, mas é fato, que a partir das possibilidades oferecidas, vão permitir, por exemplo, a conexão com o acontecimento de forma permanente, tornando a versão apresentada do fato originador um grande espetáculo e situação de agregação entre os indivíduos.

O culto ao espetáculo como ritual sempre existiu em todos os tempos. No entanto, o que se vê agora é um espetáculo presente em todos os lugares, acessível, sem interrupções muitas vezes, e em “tempo real”, bastando para isso o acesso aos meios de comunicação. Diferentemente do espetáculo antes buscado - o coliseu para ver os cristãos serem mortos pelos leões, a arena para ver os cavaleiros medievais exibirem suas habilidades de luta, ou ainda os espetáculos mambembes - hoje o espetáculo está em casa, na Tv, no computador ou até mesmo no celular “on-line”. Essas ocasiões de “contemplação” dos grandes eventos é motivação para

estar junto, falar sobre, enfim, para promover pontos de contato. Para Debord (1997) esse fenômeno é evidenciado no fato de o telespectador, “viver por procuração, graças a outros, graças às celebridades que encarnariam seus sonhos”, através de “espetáculos” cotidianamente proporcionados pelas imagens oferecidas pela tela analógica ou digital.

Por isso o autor sustenta que a realidade que vivemos é sempre a sua representação. E sob este ponto de vista, estar conectado a esses acontecimentos, passa a ser um valor e, portanto, um ritual importante da sociedade do espetáculo, uma vez que, antes, o lugar de representação, do vivido, se dava através das manifestações culturais e hoje elas estão justamente nos espaços midiáticos e, em especial na televisão, onde se dão os acontecimentos.

Também Baudrillard (1997) aponta o discurso midiático espetacularizado e espetacularizador como vetor de mobilização da sociedade, ocupando o vazio deixado pelo fim das grandes narrativas e investindo no “aqui e agora”. O autor chama atenção para essa tendência de “teatralização” que as mídias têm ao narrar o acontecimento, evidenciando a grande potencialidade da Tv e da Internet, em especial, de oferecer seus conteúdos a partir da idéia de imagem instantânea, ou seja, se apresentando como a testemunha do evento simultaneamente ao seu transcorrer. Baudrillard nomeia este fenômeno de hiper-realidade, uma vez que, justamente, assim como Debord (1997) é em função dela que vivemos e não mais da realidade. Baudrillard (1997), no entanto, vai dizer que essa hiper-realidade é resultante da sociedade do “excesso” que, ao produzir o exagero em qualquer instância, entra no processo de super acúmulo. Na comunicação, esse exagero se

traduz na transmissão dos eventos midiáticos que passam a se “descolar” de seu fato original para alcançar uma dimensão outra, espetacularizada; uma nova versão da realidade, onde a informação vale mais pelo espetáculo que pode proporcionar, por estar em tempo “real” em nossas casas, do que pelo valor informativo de uso referenciador ao mundo que vivemos. Na indústria da conexão, a informação tornada espetáculo é a mercadoria mais valorizada. No dizer de Baudrillard:

Há muito tempo que a informação ultrapassou a barreira da verdade para evoluir no hiperespaço de nem verdadeiro nem falso, pois aí tudo repousa sobre a credibilidade instantânea. Ou, antes, a informação é mais verdadeira que o verdadeiro por ser verdadeira em tempo real – por isso é fundamentalmente incerta (Baudrillard:1997:59).

Assim, os eventos mediados pela televisão, ao se formatarem ao padrão audiovisual se tornam a matéria-prima de excelência para a produção espetacular dos acontecimentos de acordo com as demandas midiáticas, potencializados pelo fator ritualístico. Novamente, recorre-se à televisão para expressar da melhor forma essa manifestação contemporânea de diferentes tribos:

Como não ver na multiplicidade dos *fait divers*<sup>2</sup> mais ou menos sangrentos, na importância da anedota que faz chorar, no

<sup>2</sup> Denominação francesa para as matérias ditas de interesse humano e que por isso, facilmente apresentam histórias de vida e de pessoas que podem ser transformadas em personagens e os acontecimentos em seu entorno, em grandes dramas sensacionalistas.

casamento real que faz sonhar ou nos sofrimentos da *star* invejada, ocasiões favorecendo a expressão de ritos expiatórios. Chora-se, ri-se, participa-se à vontade e sente-se assim em comunhão com a totalidade do corpo social. Ocorre que a mídia, principalmente a televisão, favorece essa “correspondência” mágica. (Maffesolli: 1997: 154)

A correspondência mágica de que fala o autor é o que acontece especialmente no partilhamento de um evento midiático, quando por exemplo, o acontecimento aproxima a história do indivíduo e o faz “partícipe” de modo imediato. Essa crença dos indivíduos na participação do evento se explica justamente pelo quanto as mídias intervêm na construção das suas realidades e na experiência direta com os fenômenos advindos desses meios.

Também Wolton (1998) apresenta esta idéia ao dizer que a sensação de estar participando socialmente de um acontecimento se dá na medida em que o espectador, ao assistir à Tv, agrega-se ao público potencialmente imenso e anônimo que a assiste, ao mesmo tempo em que estabelece com esse público uma espécie de laço invisível, especular e silencioso, unido apenas pelo consumo dos mesmos bens simbólicos. Observando rituais, arrumando-se e participando, sabedores de que inúmeros outros estão fazendo o mesmo, as tribos são unidas por esses acontecimentos através da mídia, neste caso televisiva. Por isso, as celebrações midiáticas são de natureza essencialmente agregadora. Elas reavivam os sentimentos de companheirismo e solidariedade. Uma “solidariedade mecânica” como explica Dayan (1994) na medida em que, potencialmente, todos po-

dem estar participando do mesmo acontecimento, especialmente no caso da transmissão via televisão, quando todos estão simultânea e igualmente expostos.

## 2 Os espetáculos

Fica claro então, que a existência – espetacular – de um evento só é conquistada no momento em que ele é mediado pelas tecnologias de comunicação que o tornam público e que esse processo, por sua vez, vai possibilitar o partilhamento midiático, ou seja, a comunhão dos mesmos acontecimentos por todos, ao ler a página do jornal, assistir à Tv ou navegar na internet, num consumo que adquire, de modo mais e mais intenso, o caráter de ritual. Essas manifestações são importantes porque, até mesmo os ritos televisuais centrados no insignificante do ponto de vista político, não deixam de *fazer sociedade*, segundo Maffesolli (1997).

No caso das notícias oferecidas a partir da televisão, por exemplo, que são importantes referências ao cidadão sobre sua “localização” sóciopolítica e econômica na sua cidade, país ou mundo, ao partilhar desses acontecimentos pelo telejornal, por exemplo, tem-se uma forte expressão desse gregarismo potencializado pelos meios de comunicação:

Sobre isto basta fazer referência ao papel desempenhado pela televisão, quando de catástrofes, guerras ou outros eventos sangrentos (...). O mesmo ocorre no que concerne às grandes comemorações nacionais e internacionais, os casamentos reais ou manifestações mundanas envolvendo “estrelas” da canção ou artistas de todo o tipo. (...) na encenação de

massas, que se reúnem para as diversas manifestações esportivas, musicais, religiosas ou políticas. Em cada um desses casos, a televisão permite “vibrar” em comum. Chora-se, ri-se, sapateia-se em uníssono, e assim, sem que esteja realmente em presença dos outros cria-se uma espécie de comunhão, cujos efeitos sociais ainda precisam ser mensurados (Maffesoli, 1995:77).

Nessa perspectiva, pensar a informação que vai virar notícia num telejornal é, sobretudo, pensar num processo de adaptação e transformação a que é submetido o fato para se formatar a uma linguagem específica. Conforme diz Berger (1999), enquanto prática social – realizada em condições de produção específicas – o jornalismo capta, transforma, produz e faz circular acontecimentos, interpretando e nomeando situações e sentimentos do presente. E uma das especificidades das mídias é justamente a produção de notícias/realidades. Os acontecimentos são transformados em notícia pelo tratamento industrial da informação, e a partir daí, publicizados e reconhecidos pelos consumidores. Portanto, a construção da notícia é um processo composto de três fases interrelacionadas: a produção, a circulação e o reconhecimento ou consumo.

Dessa maneira, o espetáculo é resultado da dupla via potencializadora, tanto pela maneira “industrial” como acontecimento é tratado, quanto pelo fato de ser reconhecido enquanto espetáculo através da linguagem ofertada pela mídia televisão e pela capacidade ritualística que a notícia apresenta por se oferecer através de imagem e acionar a latência do imaginário e do místico da sociedade atual.

No caso do jornalismo de televisão, essa formatação leva facilmente os fatos a, além de se transformarem em acontecimentos – ou justamente por isso – a entrarem no nebuloso terreno da ausência de limites entre ficção e realidade.

A dramatização típica deste tipo de notícia confere-lhe traços de narrativa pseudoliterária na medida em que utiliza um enredo e cria uma trama que relaciona os personagens numa história. Mas, não é uma narrativa literária qualquer: utiliza acima de tudo a verossimilhança. A margem de liberdade criativa é relativa, guardando sempre um relacionamento íntimo com o universo real possível, para fazer crer ao leitor que o fato realmente aconteceu conforme narrado. Ou seja, a criação mantém uma intimidade com o “acontecimento”. O enunciado é íntimo do referente. (Motta, 1997: 314).

Vale lembrar de inúmeros eventos mundialmente conhecidos e apresentados pelos telejornais que, nesses casos, passam a dispende seus preciosos minutos cronometrados, em grandes coberturas onde as regras de *dead-line*<sup>3</sup> já não valem mais. Vale sim, nestas decisões, o caráter grandioso do acontecimento, tornado célebre e digno de ser tornado conhecido por todos, onde o tamanho da cobertura – espaço/tempo – é proporcional ao tamanho de poder espetacularizador.

Debord (1997) diz que na sociedade do espetáculo, este consumo da notícia tornada super acontecimento é tão evidente quanto o

<sup>3</sup> Prazo limite para o fechamento do telejornal que deve ser respeitado por todos os envolvidos na produção do programa.

consumo, por exemplo, do futebol ou da religião, portanto, uma característica premente da sociedade atual. No telejornalismo isso é potencializado porque um dos efeitos das notícias emitidas pela televisão é inscrever-se como função agregadora, de mobilização, de interpelação na comunidade, de maneira que passam a simular o social substituindo o contato direto com o fato. A promessa à sociedade, são as notícias como retrato “objetivo” dos fatos e por isso, desfrutam, a priori, de grande credibilidade, especialmente na televisão, bastando para isso que telejornal mostre para fazer desta mostra a correspondência exata com os fatos sucedidos.

Dessa maneira, partilhar uma experiência midiática – neste caso através de um acontecimento noticioso – é partilhar símbolos e valores do sistema estabelecido, pela presença de pequenos grupos de pessoas conhecidas e apreciadas. Na própria família, o acontecimento faz da sala de estar o local de reagrupamento frente à televisão.

No entanto, é fácil perceber que ao transmitir uma história, conforme as demandas jornalísticas praticadas, o jornalismo de televisão, além do poder da imagem, também torna a notícia espetáculo porque dá um tratamento específico, tornando-a espetacular e novelesca ao evidenciar personagens em enredos com sucessivas atuações e interrelações, a ponto de não haver mais um limite seguro entre o fato e a narrativa desse fato e seu resultante ficcional:

(...) o telejornalismo é real porque se refere a algo que realmente aconteceu ou está acontecendo; imaginário porque esse real é “romanceado”, “dramatizado”, colorido com suspense e, portanto, torna-se irreal. (...) De fato, em muitos ca-

sos o telejornalismo se organiza como uma novela (telenovela) com reportagens que se assemelham a capítulos seqüenciais nos quais a informação é apresentada em pequenas partes cumulativas, com personagens convidados para explicar/representar cenas e situações, exemplificar casos e outros artifícios semelhantes. Assim, além de gêneros (telejornalismo/ficção) está presente não apenas na programação da televisão, mas dentro do telejornal em matérias especialmente produzidas e até mesmo no conteúdo da matéria jornalística factual. (Temer, 2003: 39)

Pode-se ver claramente isso se lembrarmos, por exemplo, acontecimentos tornados espetáculos como o casamento real da princesa Diana e do príncipe Charles (1982), vivenciado, por ser transmitido pela televisão, por todo o mundo. Na esteira desta idéia, pode-se apresentar um sem número de eventos que tomaram a dimensão mundial como o próprio falecimento trágico da princesa (1994), o ataque às torres gêmeas americanas (2001) e tantos outros. Na verdade a morte tem grande efeito de espetáculo porque o tema é mobilizador das tribos pós-modernas. Por essa razão, na televisão, as mortes tornam-se, sobretudo, grandes eventos midiáticos, pelo seu efeito redentor, e por isso, mitificador de suas personagens. É o caso de tantas “gloriosas” mortes midiáticas como do papa João Paulo que ocupou, através de uma narrativa novelesca e teatralizadora, uma série de edições sucessivas dos telejornais brasileiros, sempre apresentado a cada “episódio”, com novos micro-acontecimentos que atualizavam constantemente o acontecimento principal.

Esses micro-acontecimentos traziam naturalmente, novas personagens que se agregavam ao intrincado enredo televisual. Nessa mesma categoria estão as mortes, no Brasil, do piloto Ayrton Senna, do político lendário Leonel Brizola, enfim.

Na verdade seria impossível falar de acontecimentos midiáticos no Brasil, sem mencionar a mais sofisticada das novelas contemporâneas que ocupa o cenário político televisivo, relativo aos escândalos envolvendo o Partido dos Trabalhadores e suas inúmeras personagens.

Os acontecimentos oferecidos ao público e, em especial, pelos telejornais são mostrados no melhor estilo “romance” telejornalístico. As notícias, seus acontecimentos e micro-acontecimentos diariamente apresentados na Tv, tornam-se rituais partilhados por um público que, ao consumir o espetáculo, se imagina de algum modo testemunhando e participando dessas sucessivas ações e próximo desses personagens.

De alguma maneira, na busca da atualização constante, para dar ao público o sentido de onipresença frente aos fatos, a mídia trata os acontecimentos e seus micro-acontecimentos como os episódios sucessivos de uma grande novela. Neste caso em especial, percebe-se que essa “novelização” produz aglutinações, como se disse anteriormente, nas diferentes tribos às quais se associam para desfrutar de mais e mais “novidades” a respeito do acontecimento central, repercutindo o agendamento da Tv.

É interessante perceber como os indivíduos de alguma maneira, ao aderir a essas ocasiões do estar junto, potencializam o ritual de agregação pela possibilidade subsequente de “falar sobre”, enfim de ter pontes que sirvam ao contato através de um as-

sunto de grande poder mobilizador, mas ao mesmo tempo que o fazem, “esvaziam” o seu potencial de reconhecimento da gravidade política. Ou seja, há uma sobreposição de interesse na linguagem e na forma como o acontecimento é apresentado quando produz esse descolamento do real, por ser sua representação mais real que a realidade, à sua significação social e política. A versão do fato acaba sendo mais sedutora, importante e de fato geradora da agenda de discussão do dia do que os fatos em si.

Esse fenômeno resulta também na ênfase aos acontecimentos em si, fora de um contexto maior, onde a fruição também é *per si*, uma vez que o público, como que se “acostuma” a essa espetacularização, esperando a cada edição dos telejornais, novas emoções proporcionadas, tanto pelo desdobramento de um acontecimento principal, quanto por novos e sucessivos grandes acontecimentos que devem estar cotidianamente na televisão para torná-lo pauta do agendamento dos indivíduos. Dessa maneira, esse agendamento é resumido ao desenrolar da trama proporcionada pelas ações das personagens, mas muito pouco se fala de maneira refletida sobre o assunto e sua significância social.

É possível que essa repercussão mais reflexiva não aconteça porque nesse público não há fidelidade aos acontecimentos mostrados. Eles valem e são repercutidos como assunto do momento, justamente na mesma medida da efemeridade de sua existência. Para o espetáculo é preciso, sobretudo, amnésia como bem coloca Debord (1997), para que ele seja continuamente substituído por novos outros espetáculos. Razão pela qual se presencia essa banalização do que os acontecimentos de fato signifiquem em um contexto maior. Pontualmente, eles parecem

vir substituir através do uso da mídia, a velha técnica do “pão e circo” romano, usado como estratégia de catarse popular. O que chama atenção na atualidade, no entanto, é que não se invoca a arte nem a ficção para propor a catarse como em outros tempos, mas a própria realidade que parecendo insuportável, precisa ser ficcionada para alcançar a fruição do público na forma de ritual de pós-moderno.

### 3 Referências bibliográficas

- BAUMANN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BAUDRILLARD, Jean. *Tela Total. Mitos e ironias da era do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- DAYAN, Daniel, KATZ, Elihu. *A história em directo*. Os acontecimentos mediáticos na televisão. Coimbra: Minerva, 1999.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEBORD, Guy. *Modernidade e identidade pessoal*. 2. ed. Celta, 1997.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade pessoal*. 2. ed. Celta, 1997.
- LUIZ, Rogério. *Filme e Subjetividade*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.
- MAFFESOLLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- MAFFESOLLI, Michel. *A transfiguração do político*. A tribalização do Mundo. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *Teoria da Notícia e Imaginário*. In: Comunicação e Espaço Público. Ano IV, vol. 1, nº 01. Janeiro a julho de 2001, ISSN 1518-6946.
- TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. O telejornalismo entre o fato e suas representações. Ver o telejornal ou ver no telejornal? In: *Communicare*. Vol. 3, nº 2-2º semestre de 2003 – ISSN 1676-3475.
- TOURAINÉ, Alain. *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- WOLTON, Dominique. *Elogio do grande público*. Uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.